

a gazeta

Raphael Escobar -
Placebo - Cais do Porto
13ª Bienal do Mercosul

editorial | 2

"Nada melhor, depois de um ano intenso que dividiu o país em dois com a polarização que surgiu diante do cenário político, que a Copa pra nos lembrar da alegria, da beleza, do orgulho e da emoção de sermos brasileiros."

MARIANA LÜTZ BIAZI

digressões | 3

entrevista | 6

• Giovani Bastiani Roggia

perspectivas | 8

• Lúcia Martins Costa Bohmgahren
• Felipe Lattanzio

biblioteca | 12

arte e cultura | 14

agenda e panorama | 15

18

a gazeta

Número 18

Dezembro de 2022

Distribuição Gratuita

Editora

Mariana Lütz Biazzi

Equipe de Redação

Clarissa Salle de Carvalho

Déborah Dalcol

Kenia Ballvé Behr

Larissa Roggia

Mariana Lütz Biazzi

Projeto Gráfico
e Diagramação

Carlos Tiburski

Impressão

Ideograf (POA - RS)

Periodicidade

Trimestral

Tiragem

68 exemplares

Composição

Tipografia Chaparral Pro.

Capa em Couché com

revestimento em Prolan

Fosco. Miolo em Off-Set.

CONSTRUCTO
instituição psicanalítica

CNPJ 04.4792660001-10

Rua Quintino Bocaiúva, 1373, 01.
Bairro Rio Branco, POA, RS.www.constructo.com.br
comunicacao@constructo.com.br
constructo@constructo.com.br

51 3343 3364

51 98119 1944

Todos os direitos reservados

editorial

por Mariana Lütz Biazzi



Talvez imaginássemos que 2022 seria um ano movimentado, mas não sei se tínhamos a ideia de que seria tanto assim... o cenário mundial atual ferve e nosso país não está diferente. Marcado pelo retorno à vida de uma maneira mais próxima ao que era antes do início da pandemia, 2022 foi palco de muitos reencontros. Da retirada oficial das máscaras que nos permitiram voltar a ver rostos completos e não mais apenas olhares. Da volta dos apertos de mão, beijos e abraços, talvez, de início, ainda receosos, mas que logo voltaram – como se não tivessem nunca saído – à rotina dos brasileiros. Do carnaval que, em abril, confundia a nossa cabeça com as alegorias entrando na avenida fora da época em que estamos acostumados. Dos eventos presenciais, inclusive alguns da Instituição, shows, festas, comícios...

Falando em comícios, a movimentação política foi intensa num ano eleitoral atípico que abrigou a eleição presidencial mais acirrada da história do Brasil desde sua redemocratização. Em uma eleição de dois turnos e ânimos à flor da pele, um novo presidente foi eleito pelos brasileiros no dia 30 de outubro. Até a data, o país foi palco de inúmeras manifestações políticas que levaram multidões às ruas em apoio aos seus candidatos. Foi, também, infelizmente, palco de brigas e violências geradas por um extremismo nada saudável à democracia do país. Ao redor do mundo, Chile, França e Colômbia também elegeram seus presidentes. Gabriel Boric, Emmanuel Macron e Gustavo Petro foram eleitos nos seus países. No Reino Unido, o segundo semestre do ano começou com as comemorações do jubileu de platina da rainha Elizabeth II. Foram quatro dias de shows, festas e eventos esportivos e religiosos em torno da comemoração dos 70 anos de reinado da rainha mais longeva da história que faleceu três meses depois, em setembro, aos 96 anos.

22 também marcou o Brasil por grandes perdas. Nomes de extrema relevância ao cenário intelectual, cultural, artístico e esportivo do país nos deixaram. Elza Soares, Jô Soa-

res, Danuza Leão, Luiz Galvão, Bebeto Alves, Gal Costa, Isabel Salgado e Erasmo Carlos nos comoveram com suas partidas – algumas inesperadas, outras precoces... E enquanto essas dores insistiam, o esporte nos ajudava a resgatar a alegria nos convocando, enquanto torcida, a vibrar com Rebeca Andrade que conquistou o inédito título mundial de ginástica artística e Rayssa Leal, campeã dos X-Games, maior campeã de etapas e campeã do mundo na SLS – *Street League Skateboarding*. E, como bons torcedores que somos, estávamos ansiosos pelo início da Copa do Mundo que começou no dia 20 de novembro e terá seu final no dia 18 de dezembro. Nada melhor, depois de um ano intenso que dividiu o país em dois com a polarização que surgiu diante do cenário político, que a Copa pra nos lembrar da alegria, da beleza, do orgulho e da emoção de sermos brasileiros. Que o futebol nos devolva a tranquilidade de estarmos todos, mais uma vez, do mesmo lado!

Diante de tanta intensidade e tantos acontecimentos, não escolhemos, como de costume n'A Gazeta, um só tema para balizar essa edição, mas pensamos em abarcar algumas das questões importantes do cenário atual. Em *digressões*, Karin Wondracek nos traz uma reflexão sobre a natureza viva e ativa e o que nela há a se (re)descobrir, em um belíssimo paralelo entre ecologia e psicanálise. Na seção *entrevista*, o cenário político entra em pauta com a contribuição do cientista político Giovanni Bastiani Roggia. Em *perspectivas*, Lucia Bohmgahren nos fala sobre os caminhos possíveis na escuta de mulheres vítimas de violência, enquanto Felipe Lattanzio traz apontamentos para compreender a violência de gênero a partir das constituições das masculinidades. Em *arte e cultura*, o enigmático e o indizível transformados em obras de arte na 13ª Bienal do Mercosul. Em *biblioteca*, o convite a leitura de duas obras, uma de Contardo Calligaris e outra de Joel Birman. E em *agenda e panorama*, eventos psicanalíticos já agendados para o próximo ano, bem como os seminários e eventos da Instituição.

digressões

por Karin Kepler Wondracek



Entre o chão e o divã: anotações para pensar a relação entre ecologia e psicanálise

Agradeço o convite para escrever sobre esse tema que tem me convocado nas franjas do amanhecer e do anoitecer, no canto do sabiá, nas notícias de desmatamentos e descasos...e na escuta dos meus pacientes. Como psicanalista, sinto-me convocada a contribuir na escuta da dualidade Eros e Tanatos na relação dos humanos com sua morada. Podemos iniciar lembrando que nosso nome – humanos – nos emparenta com o humus, com a terra. Quais as consequências do recalque de nossa origem no humus? Quais as implicações de milhões de pessoas já não terem contato com a Terra e seus ritmos, e assim viverem depauperados de sensações e de saberes que nos mantiveram vivos até aqui?

A questão da natureza esteve muito presente na infância de Freud em *Freiberg/Příbor*, quando o pequenino fugia de casa para andar pelas campinas, embevecido com as árvores floridas da primavera. A natureza também influenciou sua escolha profissional: Foi o impacto da *Fenomenologia da Natureza* de Goethe que fez o jovem Freud decidir-se pelo estudo da medicina, e talvez até na posterior criação da psicanálise. A abordagem fenomenológica de Goethe convida essencialmente a “ver as coisas de outra forma” como “empíria delicada” que busca desenvolver um juízo intuitivo, um poder de captar a essência do fenômeno, no qual há um aprimoramen-

to e desenvolvimento do sujeito na sua relação com a natureza. (Bach, 2013, p. 1) Cheira a dinamismos psíquicos, não?

Justamente na relação com a natureza é preciso questionar saberes tidos como certos. Por exemplo, a diferença conceitual entre “natureza” e “cultura”, cunhada na Renascença. O ecofilósofo Bruno Latour comenta que nas línguas indígenas não existem palavras diferentes para natureza e cultura (apud Costa, 2017). Tudo está interligado! E são estes povos “primitivos” os atuais responsáveis por preservar os principais pulmões do nosso planeta... Isso nos convida a pensar, de o quanto a naturalização dessa cisão foi responsável pela destruição do nosso habitat e da desconsideração dos seres mais-que-humanos, como nomeados por David Abram.

Em 1917, Freud descreveu a ferida narcisista da humanidade ao Darwin apontar nossa ascendência comum com os animais. E salienta que ela não é ignorada pelas crianças e pelos povos “primitivos”. Talvez nossa presunção de superioridade, que leva ao domínio e destruição das espécies, continua ancorada na negação dessa conexão vital. Superioridade que resulta paradoxalmente numa pobreza de sensações e pertencimentos, para além da questão econômica (Lutzenberger, 2021).

Freud foi herdeiro do dualismo moderno entre natureza e cultura, e

discorreu sobre o mal-estar resultante. Hoje se poderia perguntar: será esse dualismo sintoma do recalque de nosso enraizamento na natureza? Sendo assim, parte do mal-estar que Freud considera ser produto da civilização (1930), poderia ser compreendido como oriundo no recalque de nosso pertencimento à natureza? Que a vida “civilizada” no século XX e XXI seja sinônimo de vida “domesticada” e “engaiolada”, desenraizada do contato erótico com a diversidade que constitui o mundo que partilhamos com outros seres? Na falta desse contato, já não nos sentimos participantes dos fenômenos naturais e apenas experimentamos temor perante sua impetuosidade e tentamos controlá-los com conhecimento científico, sempre precário para tal. Mas o quanto a solidão e o desamparo poderiam ser mitigados se apenas *cultivássemos* intimidade com o mundo-mais-que-humano, tal como os povos ainda enraizados praticam?

Num sentido diverso ao evolucionismo de Darwin, a ecofilosofia (David Abram) e a biologia ecopoética (Varela, Andreas Weber) – esta última coincidentemente também originada na *Fenomenologia da Natureza* de Goethe – mostram que temos que reconhecer a sofisticação da inteligência e comunicação dos seres mais-que-humanos. Nossa ciência está apenas engatinhando nesses estudos: plantas se comunicam entre si e com outros

digressões

seres (Wohlleben, 2017), animais interagem não apenas na base do instinto (Abram, 2007) entre outras observações. A natureza é viva e ativa, há um mundo por (re)descobrir. Será que a ferida narcísica nos impedirá? Ou Tanatos levará à destruição do diferente, seja humano ou mais-que-humano? Como muitas vezes, as crianças, os saberes ancestrais e a literatura apontam valiosos caminhos até então insuspeitados...¹

Será que estamos diante de uma quarta ferida narcisista, a da retirada de nossa espécie do topo da cadeia zoológica? Parece que os demais seres sentiriam alívio...pois nossas pulsões tanáticas estão atolando a todos na catástrofe climática, levando ao risco de extinção em massa de espécies e a 250.000 mortes humanas adicionais por ano até 2030. Segundo Rossi (2007, p. 26):

Foi necessário que a destruição da natureza chegasse ao ponto a que chegou para que o homem percebesse que havia “ambiente” e “biodiversidade” com a dignidade e o significado que esses conceitos têm no contexto das questões ecológicas. Somos levados a pensar que, de fato, é muito difícil para os homens abrirem mão da ilusão de que o universo está aí para satisfazer todos os seus desejos, sem limites de qualquer espécie. É necessário que a natureza dê sinais de estar “morrendo” para que as pessoas acreditem que ela é esgotável.

Qual será o papel da psicanálise nesse momento crítico? Rossi propõe que a psicanálise deva contribuir com seu instrumento de trabalho no pro-

cesso de escuta do clamor do mundo natural: a atenção flutuante do analista pode ser ampliada para todos os seres, considerando que “nada é insignificante, nada é desprezível. A destruição de um ser aparentemente desnecessário ou mesmo pernicioso pode gerar um grande desequilíbrio ambiental, para prejuízo de todos. Isso é verdadeiro na ecologia e na psicanálise.” (Rossi, 2007, p. 26) E segue apontando que Freud nos trouxe o legado da importância da democracia e da equanimidade no mundo interno, e isso também vale para o mundo externo.

Nessa escuta, o convite é para afiar os ouvidos no divã e para além dele, e escutar as manobras tanáticas de destruição da “mãe” Terra (Faria, 2021), bem como o clamor de humanos e mais-que-humanos atingidos pelos desastres naturais e provocados. Tal como a jornalista Eliane Brum propôs ao denunciar o mortífero na construção do “desastre” da hidrelétrica de Belo Monte convocando psicanalistas para a escuta dos expulsos das margens do Rio Xingu (Brum, 2021). A psicanálise se mostra imprescindível para dar conta dos efeitos da des- trutividade, do traumático, bem como de prevenção contra mais efeitos desastrosos dessa alienação.

Ousando abrir o leque e ser tachada de “não-ortodoxa demais”, quero expressar que a psicanálise é convocada a ampliar sua escuta e perceber Eros e Tanatos nos humanos, mas também nas suas relações com mais-que-humanos e a própria Terra. Como aponta David Abram, “essa atração gravitacional que nos mantém no chão já foi nomeada de Desejo, o anseio apaixonado de nosso corpo pelo Cor-

po maior da Terra, e da Terra por nós” (2011, p. 27). Eros que a todos mantém com pés no chão, recostados no divã e nas poltronas...

Ao nos aproximarmos dos seres mais-que-humanos e seus jogos amorosos criativos e inclusivos, talvez sejamos convocados a repensar nossa distinção entre instintivo (deles) e pulsional (nosso). Outra ferida narcisista a desvelar?

Seja pelo Eros da Terra, seja pelos sons e cheiros, o mundo-mais-que-humano quer se comunicar conosco, mas será que queremos escutar? Ou iremos preferir a ilusão narcísica da supremacia (!) da nossa espécie, enquanto seguimos destruindo o chão do qual comemos e o verde do qual respiramos... Entretanto, novos laços com o mundo nos convidam nas palavras da psicanalista Ana Lizete Farias: “Outras formas de vida são possíveis no tocante às relações com a natureza, as quais diferem dessas que tornam os indivíduos seres privados, tanto da presença dos outros como da experiência de compartilhar um estado de mundo” (Farias, 2021, p. 169).

Nesse processo, podemos aceitar o convite de Eliane Brum (2021) para *florestar-nos* – aparentarmo-nos com as florestas, começando a sentir, interagir e lutar como elas, juntos pela vida. Como as árvores, fabricar bons ares e defensivos, abrigar novos seres e histórias, pássaros, insetos e sonhos. Resgatando saberes antigos e novos, aprimorando a escuta do eco-lógico também no divã... tanto no acréscimo de vitalidade pelo contato com o mundo natural como no adoecimento que advém da falta de relações com a Terra. “Somos humanos apenas em con-

1 O Documentário “*Master Octopus*” [Professor Polvo], premiado com Oscar, mostra a comunicação profunda entre humanos e animais. E também a recuperação de uma profunda depressão no protagonista...A corrente literária denominada Zooliteratura dá protagonismo aos animais e vegetais para quebrar o antropocentrismo dominante.

por Karín Kepler Wondracek



tato e sociabilidade com o que não é humano”, pois “os nossos corpos formaram-se em delicada reciprocidade com as multivariadas texturas, sons e configurações de uma terra animada” (Abram, 2007, p.22).

A humanização, segundo a ecofilosofia, se completa na relação e escuta do mais-que-humano. “Com outros animais, com os musgos enrugados e as rochas esculpidas em rios, estamos todos envolvidos neste mundo íntimo e curiosamente infinito” (Abram, 2011, p. 157). Como Freud apontou, as crianças ainda mantêm esse contato. Talvez nosso “princípio de realidade” esteja recalcando essa *realidade multidimensional e viva* na qual nascemos e seguimos vivendo, e que parece ricamente em nossos sonhos e colore nossas memórias afetivas. Para começo de conversa, esses são alguns sons a escutar...



Referências

- Abram, D. (1997/2017). *The spell of the sensuous: perception and language in a more-than-human world*. 20. Ed., Nova Iorque: Vintage.
- Abram, D. (2007). *A magia do sensível*. Lisboa: Calouste.
- Abram, D. (2011). *Becoming animal: an Earthly Cosmology*. Nova Iorque: Vintage.
- Bach, J. R. (2013). *A fenomenologia da natureza de Goethe: conexões à educação ambiental*. REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, v. 30, n. 1, p. 140-158.
- Brum, E. (2021). *Banheiro ôkótó: Uma viagem à Amazônia Centro do Mundo*. São Paulo: Cia das Letras.
- Costa, A (2017). *Guerra e paz no Antropoceno: uma análise da crise ecológica segundo a obra de Bruno Latour*. Rio de Janeiro: Autografia. Uma síntese disponível em: Novo Regime Climático requer o abandono da excepcionalidade humana. Entrevista especial com Alyne Costa - Instituto Humanitas Unisinos - IHU
- Farias, A. L. (2021). *A psicanálise e o meio ambiente*. Curitiba: Medusa.
- Freud, S. (1917/1977). *Uma dificuldade no caminho da psicanálise*. OC, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, p. 171-195.
- Freud, S. (1930/1977). *O mal-estar na civilização*. OC, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, p. 81-178.
- Lutzenberger, Lara. *Entrevista com a ambientalista Lara Lutzenberger*. SIG Revista de Psicanálise 17, ano 9, n. 2, jul-dez 2020, p. 95-101. Disponível em SIG Revista de Psicanálise 17 - Ano 9, Número 2, Jul-Dez/2020
- Rossi, C. (2007). *Nada é insignificante, nada é desprezível*. Revista Brasileira de Psicanálise. V. 41, n. 4, 25-29.
- Weber, A. (2014). *Matter & Desire: an erotic ecology*. Vermont: Chelsea Green.
- Weber, A. (2016). *The biology of wonder: aliveness, feeling, and the metamorphosis of Science*. Canada: New Society.
- Wohlleben, P. (2017). *A vida secreta das árvores*. Rio de Janeiro: Sextante.
- Zooliteratura: a virada animal e vegetal. (2022) Caderno IHU 552. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/552>

entrevista



Os efeitos da eleição presidencial 2022

Os efeitos da eleição presidencial de 2022 no Brasil foram sentidos em diversos âmbitos de nossa sociedade, para não dizer em todos. Termos como “polarização” e “fake news” tornaram-se parte ordinária de nossas trocas mais corriqueiras. Poucas famílias foram poupadas dos atritos gerados pelas tão intensas divergências políticas. Nesse sentido, a comissão editorial d'A Gazeta buscou esclarecer alguns desses fenômenos através da *expertise* do cientista político Giovani Bastiani Roggia. Giovani é mestre em Ciência Política pela UFRGS e doutorando em Política Comparada pela *Vanderbilt University* (Tennessee – EUA).

A Gazeta - É possível dizer que tenha havido mudanças nos critérios de escolha de candidatos por parte do eleitorado brasileiro? Se sim, como você avalia essas mudanças?

Giovani - Eu não diria que houve uma mudança de critérios de escolha. Pelo menos, não de 2018 para 2022. O resultado das eleições foi diferente, certamente, mas isso não quer dizer que as motivações dos eleitores, ou seja, a forma como eles definem os seus votos, tenha mudado. Quando pensamos em eleições, nós frequen-

temente imaginamos eleitores como indivíduos racionais que avaliam as propostas dos candidatos, bem como os seus desempenhos no passado, e escolhem aquele que parece mais competente e representa melhor os seus interesses. Mas a ciência política, partindo da chamada Teoria da Identidade Social surgida na psicologia social, tem mostrado que a realidade é mais complexa. Os indivíduos têm uma tendência natural de organização em grupos, e na medida em que esses grupos passam a formar uma parte importante das suas identidades, o pertencimento ao grupo passa a moldar as preferências dos eleitores, e não o contrário. Ao invés de a minha escolha de candidato depender do que ele fez ou prometeu, o que o candidato do meu grupo promete ou faz é que estrutura as minhas preferências. Isso foi muito visível em 2018 e apareceu com ainda mais força em 2022. Assim, a política eleitoral se transforma em um conflito entre grupos antagônicos e critérios objetivos, interesses ou desempenho passam para o segundo plano. A identidade política que os eleitores adotam para si, e que não se altera com facilidade, ganha importância.

A Gazeta - Como a ciência política tem compreendido o fenômeno da polarização na política mundial que temos presenciado nos últimos anos?

Giovani - Podemos dizer que há duas frentes aqui. Em primeiro lugar, há a definição do que é, de fato, essa polarização política. Cientistas polí-

ticos norte-americanos, por exemplo, afirmam que o aumento da polarização política nos EUA se deu não no nível das atitudes e preferências dos eleitores, mas sim no nível das elites políticas. Eles demonstram, por meio de pesquisas de opinião pública, que as opiniões dos eleitores sobre diversos assuntos considerados polarizados mudou muito pouco nas últimas décadas. O que mudou, de fato, é que a elite política percebeu que é mais fácil vencer uma eleição se você se coloca firmemente em um campo ou em outro, o que acabou dissolvendo o centro político. Então, esse aumento da polarização estaria ligado mais ao fato de os candidatos e partidos capitalizarem em cima das diferenças de opinião do que a mudanças de opinião propriamente ditas entre os eleitores.

Em segundo lugar, temos a perspectiva da política como um conflito de grupos de identidade que mencionei acima. A Teoria da Identidade Social afirma que a autoestima dos indivíduos está ligada ao status do grupo com o qual se identificam. Grosso modo, da mesma maneira que nos sentimos bem quando nosso time de futebol vence um campeonato, nos sentimos bem quando nosso candidato vence um adversário. Ou seja, parte da nossa satisfação pessoal está atrelada ao sucesso dos grupos ao qual pertencemos, e a política hoje não é exceção. Mas o status do nosso grupo é sempre relativo, ou seja, depende da nossa posição relativa aos demais grupos. Por isso, tendemos sempre a defender nosso grupo e criticar o grupo oposto, e procuramos representar a

por Clarissa Salle de Carvalho



realidade de forma conducente a isso. Assim, fica difícil haver acordo ou meio termo. As notícias falsas distribuídas por mídias sociais, que cresceram muito em notoriedade desde 2015, facilitam esse processo.

A Gazeta - Em certa medida a divergência política parece ser um elemento essencial da democracia. No caso de uma polarização radical, seria possível preservar uma atitude democraticamente saudável?

Giovani - A resposta para essa pergunta depende das lideranças políticas. A política sempre vai ser um foco de oposição, confronto. Cabe às lideranças políticas estabelecerem os limites aceitáveis dessa disputa. No Brasil, bem como nos Estados Unidos, as lideranças políticas tradicionais cometeram um erro ao permitirem a emergência de um discurso antidemocrático. Pensavam, corretamente, que esse tipo de discurso de caráter populista autoritário poderia ajudá-las a recuperar o campo perdido para seus adversários. Mas subestimaram as consequências disto para o processo democrático, o que levou a episódios lamentáveis como a invasão do Capitólio em Washington e o bloqueio de estradas contestando o resultado das eleições no Brasil.

A Gazeta - Por que a diversidade de opiniões ou pontos de vista tornou-se um problema para a política? Você pensa que isso é um novo fenômeno?

Giovani - Na minha concepção, isto está em grande medida relacionado à emergência da política como uma disputa entre grupos identitários opostos. Quando a identificação política corresponde a uma identidade social, cada desacordo se torna uma ameaça

ao status do meu grupo, o que afeta a minha autoestima pessoal. Assim, aceitar uma opinião que contraria a opinião dominante do meu grupo passa a ser, de certa forma, doloroso. Isso não é exatamente novo, mas a organização do campo antipetista da sociedade brasileira em torno do bolsonarismo deu novas dimensões a esse processo no Brasil. Enquanto esse campo era mais difuso, esse fenômeno era menos intenso e menos abrangente. A criação e distribuição em massa de notícias falsas, dentro e fora das eleições, também contribuiu para sustentar essa dinâmica.

A Gazeta - As pautas relacionadas a costumes têm ocupado um lugar preponderante no debate político nos últimos anos. Como você avalia esse movimento?

Giovani - Pautas relacionadas a costumes são muito úteis em campanhas políticas. Essas pautas estão intimamente relacionadas a identidades sociais muito profundas do indivíduo, e ao fazer campanha em cima delas, o candidato consegue trazer para o seu campo diversos grupos sociais. Por exemplo, ao colocar em evidência a questão do aborto, que é muito importante para os mais religiosos, especialmente evangélicos, o bolsonarismo conseguiu ligar a identidade evangélica à identidade bolsonarista. Isso não é pouca coisa. A mesma coisa ocorre em relação a questões de gênero. A vantagem deste tipo de pauta é, em primeiro lugar, que ela gera um sentido de urgência e de medo, que são emoções muito fortes. Em segundo lugar, elas independem do desempenho do governo. O governo pode ir bem ou ir mal, mas o apoio angariado por pautas de costume segue inalterado. E, na medida em que a socieda-

de brasileira é bastante conservadora, o potencial eleitoral é enorme.

A Gazeta - Ao menos desde a eleição do ex-presidente americano Donald Trump, as fake news têm desempenhado um importante papel nos processos eleitorais e na política em geral. Como você avalia tal fenômeno? E qual seu impacto no processo decisório dos eleitores?

Giovani - A mentira sempre foi parte do arsenal da política. Mas é fato que, nos últimos seis ou sete anos, houve um salto qualitativo e quantitativo no uso de notícias falsas com fins políticos, e isso foi facilitado por novas modalidades de comunicação em massa como as novas redes sociais, onde a distribuição é imediata e não há controle editorial. Inicialmente, acreditava-se que o sucesso das *fake news* estava atrelado à falta de informação. Hoje sabemos que acesso à informação não é o problema, pois pessoas com maior educação acreditam em notícias falsas quase tanto quanto pessoas com menor nível educacional. A questão central aqui é que as notícias falsas são úteis não só para conquistar novos adeptos para um grupo político determinado, mas também para manter a mobilização dos já convertidos e proteger o grupo de informações (verdadeiras ou não) que ameacem o seu *status*. Esse bombardeamento constante com notícias falsas ou meias verdades ajuda a proteger a autoestima dos membros do grupo e lhes dar o conforto de que estão do lado certo. As pessoas *querem* acreditar em notícias falsas que sejam positivas para o seu grupo político, e mesmo quando a verdade é exposta elas se utilizam de diversos mecanismos psicológicos para justificá-las.

perspectivas

Caminhos possíveis na escuta de mulheres em situação de violência

“Reconhecer o poder do erótico nas nossas vidas pode nos dar a energia necessária para lutarmos por mudanças genuínas em nosso mundo, em vez de apenas nos conformarmos com trocas de personagens no mesmo drama batido.” (p.74) Audre Lorde (1984/2020)

“Enfim, eis aí o desafio: criar cenas de jogo mais justas e talvez mais restritas aos campos da encenação, e não tão amplas como no campo do cotidiano, do trabalho ou do espaço público, como praças e ruas. Não podemos usar o corpo do outro, mas brincar de usá-lo, fazer essa cena compactuada, sim.” (p. 97) Maria Homem (2019)

A temática das violências, não raro, tende a produzir em quem se debruça a seu respeito um tipo de fascínio característico do tempo de espetacularização das experiências no qual vivemos. Um dos primeiros pontos a considerarmos para discutir o recorte da violência aqui abordado, é tomar certa distância que permita uma leitura indicativa de caminhos possíveis a trilhar para o seu enfrentamento, e que impeça uma identificação à “vítima” por parte do analista – embora eu considere de extrema relevância terapêutica legitimar e confirmar numa escuta inicial o teor daquilo que as pacientes trazem quando se trata de um efeito de violência. Há quase que invariavelmente um sentimento de culpa, eu diria até de dúvida, de falseamento, que caminha junto a uma violência sofrida, a um trauma. A narrativa violenta tende a

nos capturar e anestesiar, impossibilitando que avancemos numa direção de mudança de posição do sujeito na cena que o submete (e que pode submeter o analista também). Quando atendo uma situação de SAS (suspeita de abuso sexual), por exemplo, costumo dizer que atenderei o *sujeito*, não o abuso. Daí a importância, reconhecida pelos psicanalistas, desde Freud, da abertura de espaços de escuta do sofrimento na singularidade de cada caso. Hoje, inclusive, vemos mais e mais movimentos para ampliar os atendimentos para os homens que perpetuam violências junto a suas esposas, namoradas, companheiras; numa espécie de “giro” que reconhece o submetimento também dos homens a uma lógica adoecedora referida à cristalização dos lugares nos pares amorosos-sexuais que o machismo estrutural construiu. Aqui me parece que encontramos algo precioso clinicamente: não se trata de pensar a lógica do masoquismo-sadismo como pares-de-opostos-complementares- hierárquicos. Não é disso que se trata, como Lacan bem nos ensinou. O sádico também está submetido, submetido a sua identificação ao objeto seviciado.

A violência, a depender do contexto, pode ser naturalizada sobremaneira. Não é incomum escutar pais e mães referindo castigo físico como uma das alternativas “educativas”. Indo mais longe, recordo-me do relato de alguém que presenciou um pedófilo assumir sem pruridos um ato abusivo cometido contra uma menina. Vale então nos perguntarmos se no nosso tempo as violências não têm si-

do cada vez mais legitimadas, banalizadas e assim, autorizadas.

Desde que comecei o trabalho clínico com mulheres no âmbito da saúde pública e no consultório privado, uma questão insistia... Partindo tanto do que diz respeito às produções em psicanálise quanto às discursividades mais populares, por assim dizer (embora a psicanálise esteja intimamente ligada ao popular, à cultura, nossas intervenções não devem se pautar por aquilo que chamamos de “senso comum”). A pergunta se repetia entre colegas da RAPS (rede de atenção psicossocial), na minha pressa em apontar precocemente a dita responsabilidade das mulheres nas violências que sofriam, na angústia advinda da escuta do real das torturas, dos crimes, das restrições a que as mulheres eram submetidas: “Afinal, o que faz com que as mulheres se mantenham num relacionamento envolto em tanta violência? Elas gostam?”.

Foi no texto O Problema Econômico do Masoquismo (1924) que Freud tratou do masoquismo em uma dimensão maior do que quando falou do seu caráter fantasmático, no texto Bate-se numa criança (1919). No Problema Econômico... há uma distinção entre três tipos de masoquismo: um erógeno, um feminino e um moral. O masoquismo erógeno está posto desde que o prazer está ligado à dor. O masoquismo feminino, que tem sido historicamente controvertido, é descrito por Freud, sobretudo em homens cujo fantasma masoquista seria o de ser castrado, de sofrer o coito ou dar à luz. E o masoquismo moral se refere

por Lúcia Martins Costa Bohmgahren

Psicanalista, membro da APPOA.
Especialista em Psicologia Clínica – UFRGS
e Psicóloga Clínica no SUS há 10 anos



àqueles sujeitos que não experimentam seu sofrimento a partir de um parceiro, mas, se arranjam para obtê-lo nas diversas circunstâncias da vida (Chemama & Vandermersch, 2005).

Me parece claro nos dias de hoje que o dito masoquismo feminino tem mais relação com uma *fantasia masculina atribuída às mulheres pelos próprios homens*, do que uma fantasia genuinamente feminina. Importantíssimo lembrar a distinção entre fantasia atuada e fantasia narrada, confusão cínica que pode levar a autorização de mais violências ou à impossibilidade de mulheres experimentarem sua sexualidade, já que sim, é absolutamente plausível e não condenável que uma mulher fantasie com cenas de violência. Certa vez escutei “sigo sendo feminista se eu fantasiar que estou sendo batida?”. Efeito colateral das reflexões que as mulheres têm feito sobre sua posição no mundo, especialmente nas relações amorosas. Vale lembrar que produzir pensamento sobre as eróticas não deveria criar um efeito

de cerceamento do desejo; ao contrário, ao re-conhecermos as lógicas discursivas, torna-se mais fácil transitar entre a cena cotidiana e a cena erótica, além de poder revelar as fantasias enquanto tais para os parceiros.

Considero então a “hipótese masoquista” como uma das últimas quando escuto uma mulher em situação de violência, primeiramente pelo fato de que reconheço que a demanda por atendimento e mesmo por ajuda para encontrar saídas à situação de violência, chega de diversas formas e, principalmente, em diferentes tempos para cada sujeito. Desde esse ponto, já é possível pensar uma abordagem não culpabilizante e tampouco moralista da temática. Há muita *construção e suporte* necessários quando escutamos uma mulher que está em situação de violência! Em segundo lugar, porque é impossível uma clínica que dissocie a escuta daquilo que está posto nas discursividades do nosso tempo. Então, estamos todos submetidos às lógicas patriarcais, paternalistas, machistas e misóginas, que

insistem em atribuir à mulher (quem sabe ao *feminino*, discussão para uma próxima vez) o lugar de subalterna, de submissa. É justamente estar advertido desse fato que possibilita aos analistas buscar caminhos com suas analisantes para uma mudança de posição na cena. Nesse sentido, muito interessa que os analistas homens, ou *não-mulheres*, acompanhem este debate bem de perto e de maneira participativa. Acredito também que embora a voz das mulheres seja sistematicamente ameaçada, já se percorreu um “caminho sem volta” na assunção de um lugar de desejo e, portanto, político.

Passados alguns anos desde essa pergunta inaugural tão significativa para o meu percurso clínico, cada vez mais encontro pontos de ancoragem para seguir e ampliar esse debate. Destaco aqui os processos de análise pessoal, as supervisões e a vivência institucional, sublinhando o trabalho das colegas do Projeto Gradiva (@projeto-gradiva) junto à Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA). ●

Referências

- CHEMAMA, Roland; VANDERMERSCH, Bernard. *Dicionário de Psicanálise*. Editora Unisinos: São Leopoldo, 2005.
- HOMEM, Maria; CALLIGARIS, Contardo. *Coisa de menina? Uma conversa sobre gênero, sexualidade, maternidade e feminismo*. Campinas: Papirus 7 Mares, 2019.
- LORDE, Audre. *Irmã Outsider: ensaios e conferências*. Tradução Stephanie Borges, Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

perspectivas

Alguns apontamentos para compreender a violência de gênero a partir da constituição das masculinidades

O fenômeno social da violência se mostra de forma categoricamente dissimétrico com relação à distribuição entre os sexos. Estatísticas apontam uma prevalência de no mínimo cinco para um nos crimes violentos com relação à partição homens/mulheres¹. Os homens, de modo geral, são muito mais agressivos do que as mulheres. Tal disparidade, com a qual estamos já habituados, não deve, no entanto, ser compreendida a partir de um viés naturalizante, mas compreendida a partir da constituição das masculinidades.

A chamada matriz binária heterossexual do gênero² marca, em nossa sociedade, apenas dois modos legitimados de identidade sexuada – o homem heterossexual e a mulher heterossexual (de preferência brancos) –, excluindo em diferentes gradações, do domínio de inteligibilidade cultural, toda uma gama de identidades (homossexuais, transexuais, mulheres e homens que não se encaixam no modelo tradicional de feminilidade e masculinidade etc.) e estabelecendo ainda uma série de dicotomias entre os dois termos: homens são relacionados a categorias ligadas à *atividade*, como cultura, mente/teoria, espaço público,

força, comando, sujeito, enquanto mulheres são relacionadas à *passividade*, com os termos natureza, corpo, espaço privado, fragilidade, submissão, objeto. Tais dicotomias, ainda, são acompanhadas de valorizações diferenciadas e hierárquicas, colocando sempre os termos que representam o masculino como superiores aos ligados ao feminino.

Ao mesmo tempo, a partir de Laplanche compreendemos que toda subjetividade traz em suas origens a marca da posição passiva, de uma passividade originária correlata dos momentos iniciais de constituição do psiquismo. É em contraposição a essa passividade que se faz necessário um fechamento identitário e a criação de barreiras egóicas que garantam a continuidade da existência psíquica. Tal passividade, contudo, longe de permanecer somente como marca histórica de um passado longínquo, continua a fazer pressão em todos nós, homens ou mulheres, enquanto exigência pulsional.

Os sujeitos, então, cujas identidades são encaminhadas para se conformarem nos moldes da masculinidade, precisam se contrapor nítida e forçosamente à passividade para que

seus corpos e suas identidades sejam inteligíveis à norma, uma vez que o binarismo se define pela rigidez de seus termos. Tarefa impossível, portanto, dado que se busca negar justamente aquilo que está presente enquanto fundação e constituição do psiquismo. Tal contraposição, marca magna das masculinidades, carrega consigo, enfim, um *paradoxo*: de um lado, ao relacionar a identidade masculina à atividade, dá-se aos homens um *lugar de poder diferenciado* na hierarquia do binarismo, gerando uma grande desigualdade com as mulheres. Esse privilégio masculino se relaciona estritamente com o emprego da violência para a dominação e o controle, sendo alvo de estudo por muitas(os) teóricas(os) ligadas(os) à teoria feminista (Saffioti, Welzer-Lang, Joan Scott, entre muitas outras). O outro lado da moeda é que tal contraposição gera nos homens demasiada *rigidez*, inseparável da necessidade sempre presente de negar a passividade que lhes constitui. Tal passividade é eterna ameaça de dissolução da identidade masculina, e será sempre necessário aos homens, dentro da lógica normativa binária, se contrapor a tudo aquilo que lhes remeta ao passivo. As-

1 Archer & Loyd (2002). *Aggression, violence and power*. In: *Sex and gender*. Cambridge: University Press.

2 Butler, Judith (2003/1990). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

por Felipe Lattanzio



sim, categorias como feminilidade e homossexualidade, por exemplo, são tidas como ameaças para a identidade masculina hegemônica, e precisam ser rechaçadas a qualquer preço. A identidade masculina, dessa forma, se mostra extremamente defensiva e fechada, visto que o outro representa sempre uma ameaça de penetrar essa identidade e fazê-la ruir. A alteridade, assim, ameaça não apenas os privilégios dos homens, mas a sobrevivência da própria identidade masculina.

Tal rigidez defensiva da masculinidade se relaciona estritamente com o emprego da violência, visto que esta se apresenta como uma forma estereotípica de se defender da ameaça da alteridade, mesmo que isso signifique usar o próprio corpo como escudo para se defender do outro e, assim, expor-se a riscos (forma torta de negar e atender, num mesmo movimento, os imperativos passivos da pulsão). Nesse sentido, na lógica mas-

culina, muitas vezes é mais importante salvaguardar a identidade do que proteger o corpo.

Com relação a essa dupla face empoderada e defensiva do masculino, Monique Schneider³ nos lembra que o masculino é representado culturalmente não apenas pela figura penetrante da espada, mas também por uma atitude defensiva simbolizada pelo escudo protetor.

A impenetrabilidade e a impermeabilidade, a meu ver, são as maiores marcas de uma subjetividade dominante masculina. Os modos defensivos e estereotípicos que a masculinidade adquire são os mais variados: homofobia, sexismo, agrupamentos masculinos baseados na força, numa *imbrochabilidade* imaginária e infantil, nas piadas misóginas e na objetificação da mulher (objeto de desejo e de ameaça), na adoração de falos, armas e na exterminação imaginária do diferente...

É interessante notar como o corpo masculino aparece como palco no qual se atualiza esse paradoxo gerado pela matriz binária de gênero: a defesa contra a alteridade muitas vezes se traduz na impenetrabilidade do corpo. Tal formulação nos ajuda a compreender, por exemplo, a dificuldade significativa que os homens têm de procurar serviços de saúde, pois assim estariam enxergando-se como vulneráveis. Veja-se o comportamento mas-

culino na pandemia em relação ao uso de máscaras, às vacinas (“algo estranho penetrado dentro de mim? Jamais”), à minimização e ao deboche do risco de agravamento da covid; vejam-se os estudos epidemiológicos na área da saúde nos quais se considera o simples fato de ser homem um fator de risco para complicações e doenças (quem não conhece um homem que só vai ao médico nos 48 minutos do segundo tempo?).

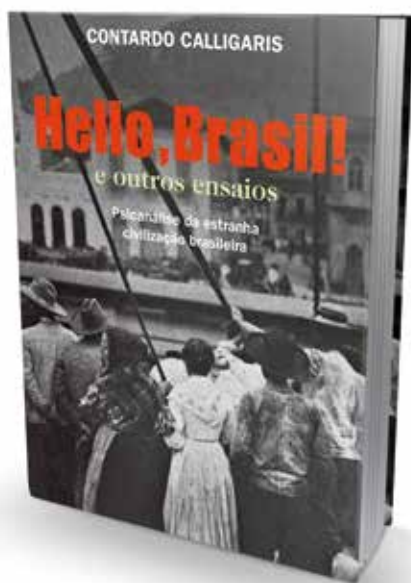
A violência masculina, assim, revela-se como resultado desta dupla via: *de um lado, violentar para dominar; de outro, violentar para se defender da alteridade que ameaça*. A cultura do machismo, onipresente em nossa sociedade, tem em seus avatares exemplos de usos da violência para a resolução de conflitos e outras posturas que exemplificam bem o domínio sobre o outro aliado à defesa contra a afetação que o outro pode causar em si: “não levar desaforo para casa”, “se impor sobre o outro”, “não chorar”, “não poder demonstrar afeto para outro homem”, “não falar de sentimentos”, “somente contar vantagens” – poderia continuar a lista infinitamente.

É nesse sentido que Gloria Anzaldúa, escritora feminista *chicana*, adverte que “os homens, até mais do que as mulheres, estão acorrentados a papéis de gênero”⁴. E é nesse sentido que, após esses breves apontamentos sobre a constituição da masculinidade, autorizo-me a finalizar, enfim, com a seguinte provocação generalizante: *toda violência masculina se relaciona com o gênero*, pois a violência masculina sempre nos diz das dificuldades de certo modelo de identidade reagir aos imperativos passivos da pulsão. ●

3 Schneider, Monique (2000). *Généalogie du masculine*. Paris: Aubier.

4 Anzaldúa, Gloria (1987). *Borderlands/La frontera: the new mestiza*. San Francisco: Spinsters/Aunt lute, p. 84.

biblioteca



Hello, Brasil! E outros ensaios: Psicanálise da Estranha Civilização Brasileira

Em 1986, Contardo Calligaris, psicanalista italiano, teve o primeiro contato com o Brasil. Em seguida, se estabeleceu definitivamente em solo brasileiro e iniciou uma sequência de anotações para entender o porquê se sentiu tão seduzido pelo país a ponto de torná-lo sua nova pátria.

Assim, o livro *Hello, Brasil! E outros ensaios: Psicanálise da Estranha Civilização Brasileira* foi publicado originalmente nos anos 1990 e revisto pelo autor em 2017. A obra, portanto, se tornou uma análise interpretativa da cultura, sociedade e história brasileira, partindo da tenacidade da herança escravocrata até a corrupção política.

Esta edição, além de um novo nome, traz diferentes ensaios instigados pelo ensino em apreender a fas-

cinante, estranha e multifacetada *psique* brasileira, sob a ótica de um estrangeiro que escolheu o Brasil para habitar.

Nesta perspectiva, me parece que a mais notável ideia apresentada é a presença de duas figuras retóricas no discurso brasileiro: colonos e colonizadores. Embora Calligaris não faça uma divisão do povo brasileiro entre colonizadores e colonos, supõe que, no discurso de cada brasileiro, há um pouco das duas posições, o que é entrelaçado com conceitos caros à psicanálise.

Em tom de encerramento, a presente resenha é um convite para mergulhar na leitura de *Hello, Brasil!* e com isso, navegar pelas águas profundas e enigmáticas que constituem, desde a sua colonização, a complexa identidade dos brasileiros. ●

Autor:
Contardo Calligaris

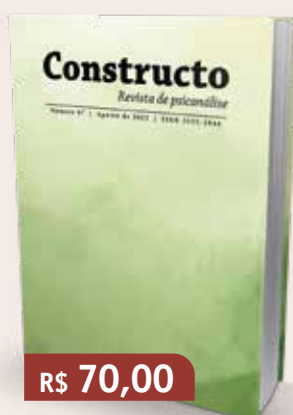
Editora:
Três Estrelas

Está disponível a edição

7

Constructo
Revista de Psicanálise

www.constructo.com.br/loja



R\$ 70,00

Ao adquirir a **Revista 7**, as edições anteriores tem um valor promocional. Aproveite!



R\$ 50,00

por Déborah Jasmine da Silva Dalcol



Autor:
Joel Birman

Editora:
Civilização Brasileira

Arquivos do mal-estar e da resistência

O mal-estar na atualidade e a resistência fomentam um campo de pesquisa que, há certo tempo, tem despertado o interesse de Joel Birman.

Enredada à seara psicanalítica, a obra Arquivos do mal-estar e da resistência é composta por uma série de artigos divididos em três partes: da servidão à fraternidade, poder e subjetivação e desejo de resistência.

Assim, Birman nos convida, a partir de problemáticas atuais, para discutir o mal-estar presente hoje no Brasil, tanto no registro individual quanto no coletivo. Ou seja, em uma espécie de cartografia do mal-estar, propõe

delineamentos no cenário cultural, histórico e político, trazendo, de forma ímpar e multiforme, a teoria psicanalítica para o debate.

Na minha opinião, o livro é encerrado de modo célebre ao lançar luz sobre o desejo de resistência que, em essência, consiste em uma aposta: resistir é preciso. Com efeito, mesmo que seu lançamento tenha ocorrido em 2006, os arquivos de Birman carregam um colorido atemporal, o que, sem dúvidas, é um chamado para interrogar-nos, entre outras questões, o quanto os mal-estares, mais do que nunca, exigem de nós uma volumosa porção de resistência. ●

Mais informações e inscrições:

www.constructo.com.br/eventos



arte e cultura

por Larissa Roggia



A 13ª Bienal do Mercosul esteve presente em Porto Alegre, este ano, no período de 15 de setembro a 20 de novembro, ocupando 10 espaços culturais. O tema da exposição, “Trauma, sonho e fuga”, estabelece uma costura com a psicanálise ao propor uma via de expressão, que constitui uma possibilidade de tradução, para aquilo que existe de enigmático no inconsciente, no plano do indizível.

Seguem, abaixo, algumas obras para serem apreciadas.



“Ar”, do artista baiano José Bento.

As esculturas representam uma floresta de cilindros de madeiras, que simbolizam a falta de ar global.

Foto: Ricardo Romanoff



“Da Memória Vegetal”, do artista mineiro Lucas Dupin. Através desta obra o artista nos convida a pensar no processo do exploratório da natureza, que pode nos levar a episódios catastróficos e traumáticos.

Foto: Jonathan Heckler



“Hypnopedia”, do artista mexicano Pedro Reyes. A peça foi pensada a partir de uma pesquisa feita com o público, na qual o artista obteve relato de sonhos. No espaço etéreo e surrealista é possível relaxar enquanto se escuta histórias baseadas em sonhos.

Foto: Jonathan Heckler



“Silent Hortense”, do artista espanhol Jaume Plensa. A obra consiste em uma mulher com as mãos que se cruzam sobre a boca, representando aquilo que é indizível.

Foto: Anselmo Cunha

agenda e panorama

por Larissa Roggia



ADMINISTRATIVO

- > **07.12.2022** - Reunião Administrativa
- > **06.03.2023** - Início das atividades
 - Aula Inaugural
 - Reunião Administrativa
- > **11.03.2023** - Confraternização
- > **17.07 à 31.07.2023** - Recesso de Inverno
- > **01.08.2023** - Início das atividades do II Semestre
- > **06.12.2023** - Reunião Administrativa de encerramento do ano
- > **15.12.2023** - Encerramento das atividades

EVENTOS 2023

- > **Aula Inaugural**
Previsão: março de 2023
- > **Jornada Anual com Christophe Dejours**
Previsão: 18 e 19 de agosto de 2023
- > **Colóquio Internacional sobre Adolescência**
Data: 23 de outubro
- > **Atividade do Núcleo de Psicanálise com Crianças**
Previsão: primeiro semestre

NÚCLEOS DE ESTUDO 2023

- > **Núcleo Puberdade e Adolescência**
Coordenação: Raquel Moreno Garcia
Encontros: Quinzenais, as quintas-feiras, das 20 às 21h30
- > **Núcleo Gênero/Sexo**
Consultoria Científica: Jacques André
Coordenação: Raquel Moreno Garcia
Encontros: Quinzenais, as sextas-feiras, das 11h30 às 13h00
- > **Núcleo de Psicanálise com Crianças**
Coordenação: Maria Beatriz Tuchenhagen
Encontros: Nas segundas e quartas segundas-feiras do mês, das 11h30 às 13 horas

PANORAMA 2023

- > **53º Congresso da IPA 2023**
Tema: "Mind in the line of fire"
("Mente na linha do fogo", tradução livre)
Data: 26, 27, 28 e 29 de julho de 2023
Local: Cartagena - Colômbia
Informações ou submissões através do site:
<https://encurtador.com.br/lryZ0>

SEMINÁRIOS 2023

- > **Metapsicologia Freudiana II**
Coordenação: Laura Jaskulski (1º semestre)
Silvia B. Skowronsky (2º semestre)
Horário: terça-feira, das 14 às 15h30
Local: Porto Alegre
- > **Metapsicologia Freudiana III**
Coordenação: Raquel Moreno Garcia
Horário: terça-feira, das 12 às 13h30
Local: Porto Alegre
- > **Psicopatologia I**
Coordenação: Luciana Pavão Kroeff
Horário: terça-feira, 16 às 17h30
Local: Porto Alegre
- > **Metapsicologia Pós-freudiana II**
Coordenação: Beatriz Camargo
Horário: quarta-feira, das 12 às 14 horas (excetuando a 1ª quarta-feira dos meses nos quais houver reunião clínica)
Local: Porto Alegre
- > **Teoria da Técnica III**
Coordenação: Simone Accetta Groff
Horário: quarta-feira, das 14h10 às 15h40
Local: Porto Alegre
- > **Psicopatologia III**
Coordenação: Kenia Ballvé Behr
Horário: quarta-feira, das 16 às 17h30
Local: Porto Alegre
- > **Psicopatologia Infantil I**
Coordenação: Elisabeth Guarnier
Horário: quarta-feira, das 16 às 17h30
Local: Porto Alegre
- > **Metapsicologia Freudiana II**
Coordenação: Jocitacler Bolsoni
Horário: quinta-feira, das 19 às 20h30
Local: Passo Fundo
- > **Metapsicologia Freudiana III**
Coordenação: Tatiane França
Horário: quinta-feira, das 13h45 às 15h15
Local: Passo Fundo

- > **29º Congresso de Psicanálise - FEBRAPS**
Tema: O Eu e o Isso: afetos em emergência
Data: 1 a 4 de novembro de 2023
Local: Campinas- SP, Brasil
Informações ou submissões através do site:
<http://encurtador.com.br/GKPW8>

A Gazeta é uma publicação trimestral da **Constructo Instituição Psicanalítica** cujo objetivo principal é ampliar o acesso à informação de qualidade para seus associados e alunos. **A Gazeta** é um veículo comunicativo híbrido, que mescla discussões teóricas a informações mais pontuais. Entre em contato conosco através do e-mail **comunicacao@constructo.com.br** para submeter algum tipo de contribuição para o nosso próximo número.



Panmela Castro - CCMQ
13ª Bienal do Mercosul

CONSTRUCTO
instituição psicanalítica